

M
E
S
A

4 DÉCADAS EM 4 CONTOS

S

O

MARIA
CAROLINA
MORAIS

C

O

T

4

N

LF-06/001
2017

4 DÉCADAS EM 4 CONTOS

MARIA
CAROLINA
MORAIS

4 D É -
C A D A
S E M 4
C O N T O
S

SUMÁRIO

5	O MAL DO SÉCULO
16	VOA, CANARINHO, VOA
26	AS UNHAS DO MEU IRMÃO
37	A VIDA É CHEIA DESSAS COISAS

O MAL DO SÉCULO

Debaixo do colchão, o recorte de papel que a impedia de chorar, quando a vontade era tanta. Cobrindo os peitos a postos com o robe velho, Simone segurava a criança em um braço e, com a outra mão, relia o anúncio. Não podia dar asas àquela mensagem; só faltavam quatro meses e o menino chorava tanto, a toda hora necessitado. Mas jogá-la no lixo era sentar-se no sofá, balançar o rebento e antever seu caminho até a lanchonete infinitamente. Descartá-la era dar azo ao esquecimento, murchar de querer sumir, e aquele pedaço de jornal era uma fagulha contra a boca aberta do desalento, que a ingeria como uma sucuri. Simone enfiou o recorte debaixo do colchão novamente e levantou da cama como quem afunda.

Desde que voltara da maternidade, buscava o papelzinho algumas vezes durante o dia para saciar a sede do calendário, entretendo seus pensamentos. E mastigava as conversas pastosas com as letrinhas do anúncio presas entre os dentes, contra as quais abusou do fio dental, avermelhando as gengivas. Até que soltou a lasca do segundo pão e afastou o prato, cedendo à coragem impertinente. Quis tornar rasteira a barriga saliente, quis se ver Sônia Braga queimada de sol, e trocou a dieta farta por bolacha e sopa. Enquanto Mariinha estava fora, nos breves espaços em que Marcel aquietava, Simone corria

entre os muros do quintal, e inventava polichinelos e abdominais no meio da sala.

Quando a mãe voltava para casa, pegava o neto no colo, inspecionava a fralda, e só largava o menino para as mamadas. Durante a manhã, enquanto fritava seus bifês, ela espiava Simone no sofá e lhe perguntava se não era melhor ajustar a angulação de seus braços. Um pouquinho mais para cima. Também despertava no meio da noite e aproximava seu bafo quente de Simone enquanto ela tentava acalmar o filho. Só Mariinha sabia niná-lo e fazê-lo arrotar do jeito certo, só ela preparava o banho mais gostoso e o enrolava na fraldinha corretamente. Simone revirava os olhos e segurava o esporro. Tanto melhor; enquanto Mariinha dava seu show, a adolescente folheava revistas e comparava seus centímetros aos das musas da televisão.

— O que é que tu tanto olha, menina?

Simone erguia os olhos para a mãe e arqueava a sobrancelha ressentida enquanto ela ninava seu filho com um sorriso amoroso. Quando Tomé voltava da rua, pegava Marcel no colo até os dois adormecerem no sofá, enquanto a criança subia e descia em seu peito ronronante. Os avós já falavam dele como galã, jogador de futebol, ansiosos pelo futuro daquele homenzinho exigente, que berrava suas reclamações. Tanto melhor; Simone estava mais preocupada em escapar daquele buraco fundo, do óleo que untava sua juventude, do olhar indigesto de sua mãe, que não a permitia levantar a mão sem que pressentisse algum equívoco. O corpo de trampolim não podia esperar; se ela

não escutasse as cornetas do futuro orquestral, se esquecesse a dádiva de seus dezesseis anos, Simone se agacharia num canto da casa e de lá não sairia mais. Distração era lambuzar o cabelo de babosa e besuntar o corpo de mel e abacate, que ela pedia para Mariinha trazer do mercado. Distração era cheirar à fruta madura, varrendo sua imunidade para debaixo da pele. Distração era murchar a barriga e encher os mamilos de curativos, para o leite não vazar. A primeira vez que saiu de casa, Simone levou Marcel embaixo de uma sombrinha, e foi até uma loja de roupas de banho. Marcel também a acompanhou debaixo do orelhão, quando ela convenceu Blandina a acompanhá-la na seleção do Clube Caetés. A presença da amiga era indispensável: caberia à Blandina fingir que o filho era seu e cuidar dele enquanto Simone estivesse se inscrevendo.

No ônibus, as duas riam, como se nos braços de Simone não houvesse um bebê cujos dedos Tateavam o ar e cujos olhos arregalados acompanhavam o tremelique da lotação. Não falaram de escola, pois Simone não queria saber, então Blandina arrumou assuntos novos. Recordou o dia em que elas tapearam os pais e foram ao cinema para ver um filme de nome picante, *O mal do século*, e acompanharam afundadas na poltrona a uma história sobre tuberculose. Quando desembarcaram, as letras C.A.E.T.É.S. estalaram os dedos, e as lembranças sumiram naqueles bancos traseiros. Frente a frente com o clube, Simone passou a criança para Blandina e as duas deram um suspiro aliviado ao verem que a fila não estava tão longa quanto

temiam. Entre as várias mocinhas esperançosas, Simone catapultava o anúncio no *Diário de Pernambuco* para o futuro de piscinas e parques de diversões; não fora o acaso que colocara o jornal em cima da recepção do hospital, com o anúncio escancarado bem na sua frente.

Chegada a sua hora, os jurados do peneirão lhe pediram para dar uma voltinha em meio à balbúrdia da quadra. Também solicitaram peso, altura, medidas, aos quais Simone deu valores aproximados passando a mão sobre o buço suado. Quando eles lhe entregaram o papel de inscrição, advertiram-na, porém, contra sua bunda excessiva e o cabelo agreste. Recomendaram-lhe entrar numa dieta vigorosa e domar a juba; o maiô cerúleo que Simone apresentara sob a roupa que despira foi julgado satisfatório. O prêmio era uma fantasia para o Bal Masqué feita por Tobe Lerkne, de quem ela nunca tinha ouvido falar, e o passaporte para a competição de Miss Pernambuco. Com a inscrição entre os dedos, Simone correu para se encontrar com Blandina em uma área mais distante do clube, embaixo de uma árvore. A roxidão do menino que se esguelava não freou sua felicidade, e Simone pulou e bateu palmas, abraçando de leve a amiga. Após breves comemorações, as duas saíram do clube e foram até uma praça mais distante para que Simone pudesse acalmar Marcel, longe de olhares detratores.

Em casa, acenando para o espelho e para a janela, Simone aprendeu a ficar em pé com uma perna na frente da outra enquanto sorria maquinalmente. Nessa posição,

exercitava suas habilidades de estátua sem aceder a coceiras ou bambezas. Blandina batia palmas e dizia que estava muito bom. Coube também à amiga reabastecê-la de maquiagem e adereços, sob as promessas de um dia ser lembrada quando Simone fosse uma estrela do Miss Pernambuco. Assim, entre amamentações, trocas de fraldas, banhos, arrotos, polichinelos, abdominais e corridinhas, Simone adensou-se na magreza bunduda, que só não se agravava devido às reprimendas da mãe, que a obrigava a comer um prato cheio na hora do jantar. Em tempo hábil, a barriga protuberante de Simone ficara lisa como tábua, e ela piscou o olho diante do espelho, desfilando ao som de Dolanes Melodí que tocava no rádio.

Uma semana antes da competição, Simone avisou à mãe que arrumara uma entrevista para o cargo de secretária em uma grande empresa cujo nome ela não sabia muito bem, mas ficava no centro da cidade. O cargo era indicação de Carlos, entregador de refrigerante da lanchonete. Ela só descobriria mais sobre a empresa quando lá chegasse.

— E quem vai contratar secretária de dezesseis anos, Simone? Mãe solteira, Simone? E onde já se viu entrevista num sábado? — Questionava a mãe, incrédula.

Mas Simone, que nunca se dera ao trabalho de dar boas explicações a suas perguntas impeditivas, respondeu apenas que oportunidade não se nega. No dia do concurso, ela despediu-se do filho sob os sermões polifônicos de Mariinha, que ficaria em casa para cuidar de Marcel. Vestida como uma fiel da igreja pentecostal, a menina saiu com

trajes surrupitados da mãe de Blandina e arrematou o visual com um par de alpercatas nos pés e trança-raiz na cabeça.

— Me deseja sorte! — ela disse baixinho para o filho ao despedir-se com um beijo na testa. — São várias etapas, não me espere pro almoço — informou à mãe.

Vestindo apenas o maiô azul, ela se olhou no espelho para ver se o leite não estava escapando. Debaixo dos ventiladores enguiçados, que mais faziam barulho do que refrescavam, Blandina e Simone tossiram entre as outras competidoras e suas parentes, que esfumaçavam o ar de laquê e cigarro, cujas cinzas batiam em um copo de plástico com meio dedo de água. Simone fixou seus olhos grandes nas moças que passavam testando poses, ajeitando o papel alumínio nas mechas do cabelo, escutando os conselhos de sorrir, sorrir sem parar. Sentada sobre um cubo, ela soltou um muxoxo e balançou a ponta do pé quando se viu a distância no espelho. O cabelo ainda estava dentro de uma touca, presa por alguns baliros. Seu objetivo era a lisura das Panteras, mas, ao soltá-lo, encontrou caracóis desmaiados. Simone então jogou o cabelo para o lado, resgatando parte do volume que ele perdera, tentando reencontrar-se com a sua Gabriela. Ao finalizar a sombra turquesa, Blandina apertou as mãos da amiga e lhe desejou força; lá fora, a quadra fervilhava e os jurados já estavam sentados às mesas.

Ao escutar seu nome, Simone empertigou-se e subiu ao palco com os pés firmes de candidata eleita. Após um breve desfile em que se remexeu ao som de frevo, ela

respondeu à pergunta sorteada pelo apresentador com o sorriso de quem sobreviveu a um incêndio. Em seguida, aguentou petrificada no seu canto pelas outras 17 candidatas até que o fim do desfile fosse anunciado. Quando a orquestra Oásis subiu no palco, as meninas ficaram sentadas em uma fileira próxima e assistiram com os lábios exaustos à diversão do público. Esfregando as palmas geladas das mãos, Simone vasculhou a multidão dançante em busca do rosto de Blandina, mas, antes que conseguisse a encontrar, seus olhos pousaram num homem que a observava fixamente. Entre o vaivém de cabeças e braços, ela o viu alto e bigodudo do outro lado da quadra, encostado numa pilastra; sua camisa estava aberta pela metade e em seu pescoço reluzia um longo trancelim de ouro. Ele deu um gole na bebida e acenou. Simone fez que não viu.

Quando a banda parou e o apresentador anunciou as seis finalistas, Simone abriu um riso convencido; não estava surpresa. No entanto, mal teve tempo de saborear o alívio de ver as catorze eliminadas levantarem das cadeiras, pois logo escutou seu nome e os aplausos mornos da plateia. Ela se levantou desconfiada e deu passos hesitantes até o locutor, que lhe ofereceu como prêmio o seu aperto de mão. Era dela o sexto lugar. De todos os seus exercícios caseiros, Simone não havia ensaiado como conter o choro diante da notícia ruim e da consequente comemoração das outras competidoras. Posicionada num canto do palco, durante o breve e interminável período de anúncios e aplausos, as faces de Simone queimaram,

seu queixo não parou de tremelicar e seus olhos emitiram a resignação indômita de quem espera a todo instante o terrível engano, ou ao menos a menção honrosa. Ela ouviu sofregamente cada sílaba que não lhe pertencia até o nome principal: o de uma loira aguada, cujos olhos azuis pareciam duas poças vampíricas. O sorriso forçado de Simone desabou em uma careta de cachorro raivoso, que só foi desfeita quando ela olhou para a plateia e encontrou a risada alentadora do bigodudo, que a fez cair em si. Quando as perdedoras foram finalmente liberadas para a coroação da vencedora, Simone desceu as escadas como se derrapasse em óleo, sentindo o cheiro do colostro em seu maiô e o bafo de cerveja do arrotto de seu pai. Enquanto corria até o banheiro, um homem comentou alto que a gostosa não sabia perder. Na fila para umas das cabines, Simone pediu licença para passar na frente das outras, alegando mal-estar. Ao sentar na privada, uma luz fina e triste abriu as comportas, um zumbido agudo irradiou até a ponta de seus dedos e suas palmas foram coloridas pela tinta que escorreu.

— Simone? — Era a voz de Blandina.

— Oi.

Por cima da porta, apareceu a mochila.

— Querida, isso foi marmelada. Não fique assim.

— Vai ter mais concurso, moça, não fique assim — disse outra voz.

— Eu tô bem! — Afirmou Simone, que não conseguia limpar o rosto direito, pois o choro persistia.

Instantes depois, ela abriu a porta, voltando os olhos inchados para o chão enquanto caminhou até a torneira. Vários punhados de água lavaram o rosto humilhado, e uma moça lhe estendeu chumaços de papel.

Simone e Blandina voltaram à quadra e abriram caminho entre os pés dançantes metidos numa sequência de rumbas. Mas bastou se afastarem alguns metros da balbúrdia que Simone começou a conjecturar, estacionando embaixo de uma marquise. Não havia motivos para o sexto lugar, para comer poeira daqueles paus de vira-tripa. Teriam sido os cabelos ainda um tanto panterosos ou os brincos luzidios em suas orelhas? Não se saíra bem com a pergunta sorteada sobre a combinação perfeita entre homem e mulher? As outras não haviam dado respostas mais surpreendentes. Muito pior fora a candidata aguada respondendo que a coisa mais importante a ser ensinada a uma criança era o respeito. Oras, quem já não sabia o óbvio? Ao menos Simone fora original. E outra moça, que disse que a mulher brasileira era firme, forte e faceira? Nem se deu ao trabalho de dizer frases completas!

Quando Blandina finalmente convenceu a amargurada amiga a cáirem fora, Simone topou de frente com o bigodudo, que fumava um cigarro no portão do clube. Ao vê-lo, ela baixou os olhos, puxou a saia longa para baixo e apertou o passo. Uma voz grossa ecoou por trás.

— Acho que você foi injustiçada. Tu é de longe a moça mais bonita deste concurso — ele disse, fazendo Simone olhar para trás. — Só precisa de uns ajustes — completou.

Simone tocou para frente com toda a pressa permitida pelo cone jeans que vestia e puxou a amiga. Blandina, ofegante, ordenou-lhe que parasse. Talvez ele só quisesse ajudar.

— Moça, eu não vou morder, deixe eu dar meu cartão!

— Blandina correu para buscá-lo.

— Muito obrigada! — Respondeu a amiga, fazendo o caminho de volta até a parada onde Simone já esperava o ônibus de braços cruzados.

Pululando nos assentos, Blandina ajeitava-lhe a trança enquanto Simone chorava mais uma vez.

— Liga pra ele, Simone, vai que foi destino.

— Eu não quero ligar para esse velho.

— Só porque ele tem bigode não quer dizer que é velho!

Deve ter no máximo 30 anos.

— É velho pra mim!

— Se toca, Simone. Tu já é mãe! E tu nem sabe o que ele quer!

Limpando o rosto na manga da camisa, Simone pegou o papel que a amiga estendeu.

Roberto Tenório

DENTISTA

Tel: 252-2331

Rua Vulcão, 324 — Bairro Novo, Olinda

Ela amassou com força o papel grosso de letras azuis como seu maiô, e o enfiou no fundo do bolso. Quando descesse o jogaria no lixo. Mas a calçada era o seu nome ecoando na quadra, e os paralelepípedos eram o sexto lugar. Só depois de atravessar o olhar enviesado do pai, que incensava a sala com o descascar da laranja madura sob a fumaça do cigarro, e desviar as perguntas que emanavam da boca intrigada da mãe; só depois de respirar naquela profunda normalidade e velar o sono breve do filho, só depois que se atirou na cama como uma árvore desaba num penhasco, Simone lembrou-se do cartão. Ao tirá-lo do bolso, ela colou os olhos em cada letreirinha e numeral, lendo-os detidamente, como se rezasse. E o guardou sob o colchão.

O sabiá chegou em silêncio debaixo de um pano encardido, mas, ao ser descoberto, na mira do brilho refletido nos pequenos olhos castanhos e azuis, debateu-se de um lado a outro como bola demolidora. Serjão anunciou que compraria uma nova gaiola, com grades de aço.

— Sabiá não dá trela. Se for de madeira, ele quebra.

Serginho vibrou à sua primeira vista, mas à segunda e à terceira teve mais o que fazer. Beto tampouco achou muita graça, mas tentou se amigar. Durante refeições e lanches, oferecia ao pássaro banana, jaca, feijão, laranja, arroz, mamão e abacate — mas sua falta de educação doméstica o incomodava, pois o sabiá não limpava o bico sujo, tampouco batia as asas para agradecer o alimento. À noite, o menino queria cobri-lo com uma flanela e desejar-lhe bons sonhos, mas a ave dispensava as medidas e se encorujava sem avisar. Beto até quis lhe dar um nome, mas nome para quê? Pois o bicho era o mais mal-agradecido do mundo, e sequer demonstrou remorso quando a criança suspendeu os pitéus. Enquanto o pássaro agarrava os fios de aço com seus olhos nulos e plumagem desanimada, Beto alternava olhares entre ele e o sabiá do sabão em pó, que sorria mostrando os dentes.

Mês a mês, Serjão foi trazendo outros cativos, companheiros de solidão. Vieram canário, craúna, periquito, curió,

patativa, azulão, bem-te-vi, lavadeira, galo de campina. E também uma papagaia, Marilda, que só falava absurdos.

— Nada! Nadinha! — Repetia enquanto Serjão queria lhe ensinar uma coisa tão óbvia: Me dá o pé, loirinha.

Beto pouco se lixava para a tagarelice monotemática da papagaia; após desistir do sabiá sem coração, sua atenção voltou-se à canarinha. Porque ela era uma princesa: delicada, asseada e corada. O menino queria esfregar o rosto contra seu amarelo vistoso, ter nela uma amiga inesperada e indizível, que atendesse aos seus comandos de afeição eterna. Afinal, os dois tinham várias coisas em comum: Dora não apreciava frutas ou comida de panela, e não deixava alimento escapar do bico, enquanto Beto evitava chupar picolé para não sujar as mãos. Dora banhava-se regularmente, enquanto Beto tomava dois banhos por dia e escovava os dentes após todas as refeições. Dora passava o bico pela plumagem esguia, enquanto Beto não esquecia de pedir à mãe que lhe cortasse as unhas, exigindo perfeito alinhamento.

No entanto, eles não eram iguais em tudo, pois a canária tinha uma habilidade rara: quando ouvia a música “Brasileirinho”, acompanhava a canção com suaves e harmônicos chilreios, e mexia as patas para lá e para cá, como se dançasse. Enquanto Beto não sabia ser artista, muito menos acrobata. Não sabia, na verdade, nada de especial.

— Veio lá de Feira de Santana. Já me venderam assim — explicou o pai.

No entanto, passadas algumas semanas, sua exuberância e cordialidade levantaram preocupações. Os

movimentos da canarinha pareciam limitados a preservar a lisura perfeita das penas e a bicar água, xerém ou alpiste; no resto do tempo, ela era uma estátua viva de olhos piscantes, que despertava por alguns átimos como se uma necessidade vital a resgatasse de sua vida petrificada. Não fosse pela atuação com a música, a teriam julgado surda, pois gritos, palmas e estalos de dedo nem sequer a faziam triscar. Quando Serjão a cutucava com palitos de picolé e balançava sua gaiola, a canarinha apenas se afastava como uma pedra de xadrez, a fim de restabelecer seu estado intrêmulo. Por fim, quando decidia abrir o bico, Dora só cantava um *pipipi* maçante e frio. E seu cocô caía em suaves bolotinhas no piso da gaiola, três vezes por dia.

Desconfiado daquela vida mecânica, Serjão resolveu capturá-la e, para sua surpresa, não encontrou resistência no pássaro à sua invasão, que se deixou levar pela garra goliaca. Na mão fechada, Serjão sentiu a respiração de Dora, que tinha ossinhos inabalados, um peito farto, olhos argutos e alertas, o coração fremente; era uma ave absolutamente saudável. E mansa. Ele ousou abrir a mão, deixando-a cair sobre a outra palma. De pé, o bicho calmamente se pôs a ajustar as plumas recém-contraídas. Quando ele a instou a voar, Dora fez o curto percurso de volta para a limpa casinha, e retomou sua inatividade.

Serjão passou a deixar sua gaiola aberta, pois Dora pouco se importava; nem se dava ao trabalho de averiguar a liberdade. Permanecia parada, em profunda meditação, talvez satisfeita com as confortáveis instalações que tinha

a seu dispor, a água sempre nova, o alpiste e o xerém crocantes. Serjão cuidava muito bem de seu bando engaiolado, e entendeu a permanência de Dora como um sinal de gratidão e afeto. Sua personalidade domesticada logo a fez roubar o palco de Marilda, que repetia seu manjado nada, nadinha. E as visitas eram sempre atraídas ao terraço, onde podiam se pasmar com a pequena esfinge avícola.

Beto passou a catá-la para ver televisão, acompanhá-lo na tarefa de casa, em brincadeiras com sua coleção de pedras de rua. Além de rainha das pedras, a canarinha também namorava seus bonecos e ficava em cima da cama como uma Rapunzel careca, esperando socorro. Por fim, Beto a levou à escola dentro do bolso da farda, na esperança de chamar atenção dos colegas. Estava tão animado que, logo ao entrar na sala, teve um surto de coragem e chamou a atenção de todos, mostrando seu animalzinho dócil. As crianças logo se uniram a seu redor e o corpo de Beto se avermelhou ao calor das respirações e colônias que nunca estiveram tão próximas dele. Fizeram-lhe perguntas, quiseram segurá-la, alisar sua cabecinha, e Beto passou a canária de mão em mão, pedindo aos colegas que tivessem cuidado porque Dora era muito delicada e especial, uma verdadeira artista. Anunciou a novidade: ela sabia cantar e dançar a música Brasileiroinho, de cabo a rabo. O alvoroço cresceu, os olhos das crianças arregalados, incrédulos. Ao descobrir o motivo da confusão, a professora desfez o tumulto batendo palmas, todo mundo pra suas carteiras. Mas ela não conseguiu trabalhar — a

presença da estática Dora em cima da banca, emitindo seus ocasionais *pipipis*, dispersava os alunos, que não passavam alguns minutos sem virar a cabeça na direção de Beto. Elaine e Serjão receberam um recado solicitando-lhes que, para o bem do pássaro e das aulas, o mantivessem na segurança do lar. No dia seguinte, Beto foi à escola desprovido de seu pequeno trunfo, esperando a fama de um menino que tinha um pássaro excepcional; esperava amigos, perguntas: cadê Dorinha? Mas ele era o mesmo para a turma, e ainda recebera a pecha de mentiroso.

— Meu pai disse que é impossível uma passarinha cantar e dançar. Só se tiver dopada — provocou o colega.

Dopada?

— Povo idiota, Dorinha é lúcida, nítida como a televisão!
— Rebateu Serjão quando Beto chegou em casa.

No entanto, a amizade entre a criança e o pássaro permanecería inabalada não fosse por um evento curioso: o revólver de Serjão caiu no chão e disparou contra sua própria perna enquanto ele o limpava no terraço. Com o estampido, a passarinhada se agitou a valer; os olhos do azulão se esbugalharam, a papagaia ficou dependurada na corrente, batendo as asas cortadas. Nada, nadinha! Mas a canarinha não reagiu: piscava os olhos como sempre, a respiração inalterada, enquanto Serjão urrava pedindo um lenço, uma ambulância, se contorcendo no chão. Beto ergueu os olhos para Dora.

Seu pai admitiu a leseira, pois não havia descarregado a arma para limpá-la; o revólver estava perdoado. Elaine tinha

certeza de que ele preferiria perder a perna a desfazer-se de seu membro portátil, sempre guardado embaixo do banco do carro, e não se deu ao trabalho de proferir qualquer censura. Serjão o apontava no trânsito, no bar, na padaria, como quem aponta o dedo, contra quem viesse peitá-lo ou tirar satisfação. E, faltando-lhe motivos para usar a arma, ele às vezes saía de casa no meio da noite, desconfiado de que estivessem roubando sua bomba d'água. Na manhã seguinte, um gato morto, um galho deformado, ou uma lagartixa sem rabo jaziam no chão. O revólver também o acompanhava em brincadeiras com a esposa na hora da briga, em afrontas ao motorista da kombi que estava dirigindo na banguela, em querelas com o homem que ele chamou de macaco, preto safado, no elevador. Seus problemas com a polícia, no entanto, eram bronca pequena — nada que algumas ligações e telegramas não resolvessem. Afinal, ele tinha muitos amigos, homens humildes à tendência natural do ser humano ao pecado, incapazes de atirar a primeira pedra. O revólver disparou por descuido, quando alguns alpinistas caíram na sua cabeça e o dispersaram.

— Pipipi.

Vieram da gaiola de Dora. O pássaro que nunca deixava comida cair no chão.

Durante o período de convalescença de Serjão, Beto deu a amizade como finda, aninhando-se debaixo do braço de seu pai-herói. Um pedaço da bala ficara alojada na perna, criando um cotoco, um montículo duro, vermelhado. Como Dora foi capaz?

Nos primeiros meses após o incidente, os treinos no clube foram suspensos, mas Serginho não teve tempo de comemorar, pois o pai, mesmo com muletas e movimentos dificultados, fez questão de dar prosseguimento às aulas de natação em sua própria casa, uma vez que a piscina, felizmente, continuava azul. Beto tinha de bater o irmão mais velho, e vencer a tacha de moloide, pois Serginho não estava nem aí. Aparecia no quintal com uma sunga desbotada, esfregando os olhos remelentos contra os primeiros raios da manhã, e, ao sair da água, batia os dentes de frio enquanto corria até o banheiro, deixando um rastro de pegadas molhadas. De farda vestida, ia para escola fedendo a cloro. Serginho só nadava rápido para ser dispensado o quanto antes.

Beto fazia alongamentos, respirava fundo, de olho no relógio que o pai tinha na mão. Ruim não era nadar, mas ser o último, e depois aprontar-se para ir à escola, e depois ir à escola. Mesmo quando ganhava os parabéns de Serjão, ninguém ligava para isso na sala de aula.

Na semana seguinte à visita do pássaro, Guilherme empurrou Beto no chão, e os garotos fizeram um círculo a seu redor, chamando-o de bunda ralada. A proteção da canarinha durara, portanto, menos de seis dias; teria durado mais se não o tivessem chamado de mentiroso. Para sair campeão, Beto sonhou uma festa de aniversário na escola; a canária seria a principal atração, e ele provaria o talento de seu pássaro. Elaine preparou caixinhas, canudinhos, bolo, brigadeiros, chapeuzinhos de parabéns. Serjão

reservou a fita cassete e solicitou à escola um aparelho de som. A chegada da copa do mundo em 3 meses fazia da festa canarina uma ocasião ainda mais perfeita; tudo seria amarelo, inclusive a vela, inclusive o bolo — de maracujá. As caixinhas e chapéus ostentariam Zicos.

Dora veio no bolso e novamente fez sucesso, passando de mão em mão antes dos parabéns. Quando Serjão pôs a fita para tocar, ela cumpriu sua missão com louvor dentro da gaiola; pois, fora dela, a música nada lhe dizia. As crianças bateram palmas boquiabertas com a curiosa atuação, mas havia tanta novidade a seu redor que elas não sabiam onde fixar os olhos maravilhados: como podia o irmão de Beto ser tão loiro? E o pai, como podia ser tão fortão? O menino ouvia as dúvidas, mas não quis escutar as conclusões. Serjão perguntou de boca cheia: quem quer bolo?, com o braço esticado, o corpo inteiro ensolarado, quem quer bolo? Seu pai não tinha medo de nada. A voz ecoava na sala, a voz que Beto não tinha, nem mesmo dentro de casa, nem mesmo falando consigo mesmo, a voz que não era dele.

— Quem quer bolo?

A canarina ficou ainda mais linda na mão de Serginho, que logo fez amizade com os amigos que não faziam amizade com Beto. Mastigando enfasiado, o caçula olhou de soslaio para a cabeça queimada da vela em forma de jogador; ele nem gostava de maracujá, muito menos de Zico. Na outra extremidade da sala, outras crianças amontoavam perguntas diante do enfaixado de bala na batata

grossa do homem de seis milhões de cruzeiros, que lhes disse ter escapado de um assalto. Finda a festa, Elaine jogou no lixo várias porções intocadas de bolo; as crianças podiam ao menos ter experimentado o glacê.

— Mas que ideia de jerico! Fazer bolo de maracujá! — Serjão sabia de tudo.

Na fila para a aula de educação física, Beto presenciou as comparações entre sua festinha e a de Lorena e Jonas, que contou com animador e teatro de bonecos, e bolo vulcão de chocolate. Quando baixou os olhos, avistou o saquinho de balas amarelo rolando vazio no chão: sua mãe o recheara de pérolas no dia anterior. Ele afastou-se para catar o objeto roto com as mesmas mãos de sempre; salvando o amor de Elaine daqueles pés suínos.

Ao voltar para casa, lá estava a canarinha, apalermada, lesa, alheia; incapaz de salvá-lo. Betou subiu na cadeira, observou a leniência do animal, sua respiração curta e minúscula. Sacudiu a gaiola.

— Você é muito chata — ele disse.

E os olhos dela respondiam, respondiam mesmo, ele podia ler:

— Chato é você.

Serjão não entendeu a cisma do menino, que foi insistente a ponto de convencê-lo a repassar a ave para um casal conhecido. No entanto, Dora foi logo repassada de volta: negara-se a aprender um número com a música “Voa, Canarinho, Voa”; o que foi compreendido por seus novos donos como uma recusa ominosa, que pressagiava

a derrota do Brasil na copa. Mal a seleção foi eliminada, e Dora foi sacudida às pressas na casa de Serjão. Na ressaca da campanha malograda, ninguém quis recebê-la, e Beto teve de se deparar diariamente com aquela presença encalhada na parede do terraço. Passou a evitar a área, mas a mera proximidade de Dora o enervava, impedindo-o de concentrar-se no desenho animado. Ficava a imaginar o calmo peito estufado subindo e baixando, o piscar dos olhos cheios de soberba... quem ela pensava que era? Em sua mente ele a confrontava, dizia xô, passarinha, agora já deu, caia fora! Bichinho mais irritante. Tão irritante que ele não conseguiu se conter: adentrou a região proibida, subiu novamente na cadeira e a encarou longamente. A imagem daquela inútil imperatriz logo enjoou seus olhos, como um doce doce demais. E ele bradou:

— Por que é que tu não voa, pinoia?

E os olhos dela respondiam, respondiam mesmo, ele podia ler.

As anuncietas viraram praga aqui no bairro Todo dia passam umas quatro ou cinco alardeando restaurante padaria mercadinho água gás aula de dança Pra piorar com as eleições as musiquinhas grudam no meu juízo e eu só queria voltar no tempo pra quando era engraçado atirar ovo pela janela quando não se sabia que uma besteira dessas pode matar Apesar de eu ter quase certeza de que um ovo atirado do terceiro andar de um prédio-caixão não mataria ninguém mas deixa pra lá No começo eu ficava puto e desandava a gritar da janela mas os ciclistas se fazem de moucos e eu teria de usar um megafone pra digladiar de igual pra igual eu teria de descer e puxar o camarada pela camisa Mas eu sei que é tudo ordem do patrão e quando ligo pra algum telefone do estabelecimento sempre falo com outro funcionário que agradece a ligação e diz que vai mandar baixar o som Não baixa porra nenhuma é claro 50 000 é a minha vereadora apesar de esse número andar comigo pra todo canto pode ter certeza de que essa senhora não vai ter meu voto Outro dia telefonei pro canal de reclamações da prefeitura pra eles darem um jeito que isso é uma falta de respeito um absurdo mas aí o atendente me perguntou esse lugar do som tá parado ou tá andando Eu falei tá andando mas que diferença isso faz Ah a gente só pode multar se for local fixo Fiquei

um tempo piscando os olhos ouvindo o nada impaciente daquele cara Ok tá bom e desliguei Só me resta agora esperar que o preço da alface cruze com o *jingle* da candidata e a hecatombe sonora lasque minha sesta de vez e me faça confundir até o número da minha identidade Minha última chance é tentar fazer um abaixo-assinado mas isso dá um trabalho desgraçado e aqui não tem liderança distrital a liderança seria *yo* e ninguém aqui me leva a sério Então todo dia é assim depois do almoço que é o horário mais barulhento eu fecho os olhos e durmo um pouco até a zoada surgir Daí acordo espero a anuncietas passar e durmo novamente É claro que se eu pudesse tiraria um cochilo em linha reta no vestiário mas não posso deixar meus pais sozinhos o dia inteiro e também não tenho dinheiro pra ficar comendo fora de casa Mas olha eu tava administrando a situação até bem cobrindo a cabeça com o travesseiro e dormindo à prestação naquela horinha letárgica em que até as moscas ficam morosas Aí faz uns dias que eu liguei o ventilador e fiquei sentindo a brisa e o silêncio e comecei a cair no sono quando minha mãe bateu na porta botou a cabeça pra dentro do quarto e eu já sabia que ela ia pedir alguma coisa Desejei que fosse breve direta pra eu dormir um pouco antes de alguma bicicleta voltar mas o que ela falou me empertigou todo na cama Mamãe pediu para eu ir buscar a urna funerária do meu irmão e nessa hora passou uma anuncietas estridente e eu fiquei calado de boca aberta esperando a zoada me escafeder Eu respondi sim é claro e até sorri porque minha mãe nunca pede nada

E se pediu é porque não tem condição porque disse que ele saía daqui bonito e aparentemente saudável e regressava agora numa urna funerária. Acho que não tem como se conformar com isso né. Faz dez anos que meus pais e meia dúzia de desconhecidos o enterraram lá em São Paulo. Daniel permaneceu no jazigo de uma amiga de mamãe Odete, mas o pai de Odete morreu e ela precisou esvaziar o jazigo o quanto antes pra dar lugar ao novo morador. Agora as enrolações da transferência já começaram e esse negócio de ir atrás de documento cartório tá me dando um desnorteio. Filho da mãe e não parou até agora entende. Eu fico olhando pro relógio esperando a longa hora de eu ir atrás da encomenda pra acabar logo com isso de novo. Mas tenho de esperar. Sei que Odete quer resolver essa bronca tão rápido quanto eu. Só fico puto que dos quatro irmãos que estão vivinhos eu tenha sido o escolhido mas morar com os pais exige alguns sacrifícios. Porque senão você realmente não serve pra nada.

Eu nunca quis me meter com veadagens e nunca passei por cima delas para estar com Daniel. Estar com ele era não estar comigo entende. A gente não tinha nada a ver e se ele era cada vez menos dado a fingimentos eu nunca precisei desse tipo de fissura. Eu sempre fui eu mesmo quem eu era não me envergonhava. Daí a gente começou a saber que morreu mais um morreu mais outro que a turma de Daniel estava sumindo feito renque de dominó. Faz uns anos que vieram falar com mamãe um tal de Pablo uma tal de Vera e um não sei quemzinho cujo nome desconheço pra trazer

fotos. Estavam hospedados na praia da Boa Viagem os paulistas. Foram abusados, poxa, que mãe da nossa época entenderia aquelas imagens. Ela cortou companhias, paisagens, desatou mãos dadas e fez um arranjo de fotografias com Daniel meio cotó no porta-retratos da sala. O Daniel dela. As imagens dos desconhecidos recortados ficaram numa pasta e toda vez que eu bato os olhos nela me pergunto se eles ainda estão vivos. Eles podem estar mortos mas tá todo mundo vivo na fotografia. Vivo como eu estou vivo agora. De repente meu irmão apareceu seriamente gripado e ninguém sabia direito o que tava acontecendo. Foi do dia para noite os hospitais de lá não queriam tratá-lo e meus pais foram correndo pra conseguir uma clínica que o aceitasse. Agora isso a gente só foi saber depois porque na hora ficou todo mundo sem entender que onda é essa de papai e mamãe se mandarem pra SP porque Daniel estava gripado. Quem mandava notícia era papai que só dizia que tavam entupindo ele de Bactrim e que ele ia melhorar logo. Aí no meio de uma ligação dessas a ficha caiu e eu e minha mulher ficamos só esperando o telefonema derradeiro. E foi papai quem avisou. Olhe, Zé Carlos, seu irmão acabou de falecer. Reze por ele e avise aos outros. É óbvio que eu não fiquei fazendo pergunta. Mas teve gente importuna. Tia Lenira ficava ligando pra casa de mamãe e Márcia tinha ordens pra não dizer nada. E como é que ela viaja e não avisa. Como é que o menino falece da noite pro dia. Tia Lenira chegou a me telefonar pra falar merda e até hoje não me dirige a palavra porque eu desliguei na sua cara. Depois de

quinze dias meus pais voltavam pro Recife com malas cheias de coisas aleatórias e um atestado de óbito. Eu não fui pro enterro porque não deu, nem sei por quê. Antigamente pegar avião era supercaro, meu filho mais velho tinha acabado de nascer. Sei lá, não lembro direito, acho que não deu tempo de resolver nada. Da última vez que Daniel apareceu no Recife já estava com uma febre esquisita, veio de última hora no Natal porque não tinha conseguido vaga no ônibus e minha mãe vibrou quando ele falou que tava chegando mesmo e ele chegou bem no dia da ceia. Parecia que Deus tava tendo piedade e concedeu a última visita. E mesmo com aquele 37,5 renitente, ele ainda saiu pra festa depois de toda aquela comilança, toda a enrolação lá em casa de cantar música pro aniversariante e rezar. Saiu com uma turma antiga que ainda morava por aqui, nem sei quem foi que restou desse povo esquisito, tudo veado, sapatão, o escamabau. Eu tenho certeza de que aquela galera toda se curtia. Eu só acho que pra muita coisa nessa vida a pessoa tem que ser discreta. Eu casei cedo, com o corpo a toda, mas naquela época era assim, entende. Então a gente aprende a gozar das pequenas liberdades de outro jeito, não dá trela pra gente linguaruda, não dá motivo pra gente violenta, protege a sua família. É isso, você segura a onda e faz o que tem vontade de outros jeitos. Isso é normal. Quando minha mãe voltou de SP disse que Daniel entrou na eternidade zerado, com um descontaço. Magro, magérrimo, um caniço. Não foi a lembrança que eu quis guardar, das mãos cruzadas sobre a barriga, não era o que eu queria levar, mas

foi o que ficou na minha cabeça, mesmo sem eu ter visto nada. Aí o cara morreu e eu pensei nelas, bem fortes, patas de um animal valente. Quando na verdade era o contrário. Mãos grandes, aliás, tenho eu e meus outros irmãos. As mãos de Daniel eram feito de gazela, de pianista, de aquarrelista, de florista, de veadista. Mas aí o cara morreu e eu pensei no dia que papai pegou ele pintando as unhas de vermelho. Daniel ficou num desespero, para lá e para cá tirando o esmalte com a camisa. Foi engraçado porque papai veio com uma conversa que pra mim era enigma. Você tem um pau pra botar na mesa, cretino. E minha confusão. Daniel também havia pintado as minhas unhas no dia anterior, então que merda era aquela de botar pau na mesa. Depois do esporro, ele ficou encostado no canto, feito uma banana machucada. Seus olhos amarelos escorriam no chão. E eu pensando numa viga de madeira, oxe, que doideira. Daniel apanhava do nosso primo troglodita. Oscar gostava de mim, me ensinou muita coisa, mas o meu irmão se ferrava, pirralho e jeitoso. Tem gente que é mesmo azarada, eu acho que Daniel não tinha muita sorte. Sorte tinha eu, cacete, tudo dava certo pra mim. Agora vai saber por que mundo Daniel circulava, por onde a cabeça dele ia quando estava rolando no chão. Porque era sarrafo todo dia. Oscar esbofeteou a porta do banheiro, Marteladas. Meu irmão abriu a porta e levou um soco no meio das fuças porque estava demorando muito a sair, a mulherzinha. Para narizes grandes se fazem plásticas. Para Daniel, o que se fazia. Eu não fiz nada. Te digo que foi azar, época errada, família errada, entende. Estivesse em outra geração, mais atual, não seria tão ruim.

ele ser quem era. Hoje o mundo tá cheio de veado saltitando por aí os que sobraram e ainda sobram com esse negócio de HIV. Mas agora tem campanha em todo canto o pessoal martelando na MTV use camisinha use camisinha. Somos mais modernos. Agora naquele tempo lá ia o menino lépido bater continência no colégio militar. E Daniel fazia desenhos assim de guardas com a arma apontada pra ele. Mamãe pensando que podiam fazer algo contra o meu irmão por causa disso mas Daniel nunca foi metido com política. A política dele era dar a bunda mesmo só podia. E aí você é veado e dar a bunda não é só brincadeira como era pra mim. Já faz muito tempo que eu não pego mais travesti puta nem pensar. Porque era uma coisa engraçada que eu fazia com dois primos só de farra. Daí morreu Rock Hudson morreu meu irmão e eu parei parei com essa merda. Imagina eu morrer com cara de cínico os amigos todo mundo surpreso dizendo que eu também me meti com câncer gay. Quem diria seu Antônio que azar com dois filhos veados. Imagina a cara do meu pai. E ele não é idiota sabe que Daniel era frango mas essa bola passou longe dos meus pés entende. Quando a gente tinha uns 20 e poucos anos papai deu uma Brasília pra gente. Os bancos fediam ao cigarro de Daniel. O odor tão desconhecido quanto a veadagem e tudo se misturava numa coisa só. O cheiro dele em mim me dava asco. Cinzento alienígena compartilhando da minha vida. Eu enfiava o dedo na cara do meu irmão. Imbecil Daniel ria. Foi nessa idade não foi. Ele já não estava lá estava presente mas não estava lá. Depois que

terminou a faculdade ele se mudou pra São Paulo. Mamãe chorou mas pelo amor de Deus era melhor ele estar longe do que estar aqui. Agora foi SP que estourou a boca do balão afolozou tudo. Porque ele voltou uma moça com aquela risada fina aquele pezinho balançando quando se sentava de perna cruzada. Quando Daniel vinha visitar não era mais o mesmo o rosto erguido como se sua língua lambesse a própria face. Esse cara que morreu não era o que se escondia pelos cantos. Aliás quem eu guardo comigo morreu muito antes dele. Daniel não teve tempo de deixar herança pra ninguém só uma pergunta rabiscada a muito custo no hospital. Quando vai acabar? Logo minha mãe escreveu de volta. Logo? Ele perguntou. Sim logo. A história é de que morreu de pneumonia. Um monte de besteira como se todos não soubessem. Minha mãe gosta de partir espelhos. Mas eu mesmo eu mesmo não sabia o que dizer e acabava seguindo a onda da pneumonia fulminante. É isso a aids te expõe né apavora tuas surdinas te mata de vergonha e de pavor. Passa uma anuncicleta na tua lista telefônica dizendo que tu deu o cu tu deu o cu tu deu o cu tu deu o cu. Não sei se ele pensava como eu mas era nisso que eu pensava caralho que merda. Passa uma anuncicleta entre as tuas igrejas dizendo que Deus tá te castigando que Deus vem te buscar com aquele martelo do juízo final. E começam a cair umas bolas de fogo na tua cabeça é o apocalipse o mar inflamado faz um monte de erupções na tua pele. Eu fiquei todo me tremendo quando recebi o resultado do meu exame. E mesmo quando deu negativo esperei alguma mancha alguma

fraqueza se manifestar como se a doença fosse congênita entende Outro dia eu abri a gaveta da minha cômoda e achei a carteira de trabalho dele no meio dos meus papéis soltos Ela fica lá junto com a minha as duas não servem pra nada mas devem ficar conversando no escuro Na foto ele tá meio feioso mas depois ficou bonito Depois dessa fotografia depois de sei lá ele descobrir que era bonito Ou o mundo descobrir ele Mas eu sempre fui mais fotogênico sempre

Minha mãe disse que em SP ele morava com um amigo e que teve um cara que ela não conhecia que chorou muito no enterro aliás ela não conhecia ninguém além do meu pai quem ligou pra todo mundo foi uma amiga dele chamada Maria Luiza de quem eu nunca ouvi falar. A gente nunca vai saber quem era esse pessoal e pra ser sincero eu não tô a fim de fazer livro de memórias do meu glorioso irmão veado As memórias que eu tenho já são muitas e ainda não sararam Eu não vou fingir agora que a gente era melhor amigo porque não era Te confesso que se eu parar pra pensar em Daniel eu penso era bicha sabia fotografar e era muito organizado Eu fiquei triste e chorei pra caralho mas foi a vida que ele escolheu também Cheia de riscos cheia de azares tempos errados foices bigornas serras elétricas facões martelos Daniel com os olhos caídos e depois de olhos acesos O pau na mesa que tanto incomodou E eu teimo em lembrar do que nem vi as unhas pintadas no caixão Foi só o que me permiti ver foi só o que deu pra ver pois não me aproximei muito nem

em pensamento. Um pequeno montículo vermelho em meio às margaridas Ai eu vejo as mãos e o rosto dele ainda sorri caninos de força Quando era pirralho tirou o esmalte das unhas todo equivocado e aguentou as porradas e risadinhas e vergonhas Daniele Ele sujando a camisa de esmalte esfregando as unhas no tecido pra tirar tudo E como devia esfregar as mãos no rosto desejando ter o mesmo resultado O colégio militar Daniel pelas calçadas da cidade a boca dele se abrindo o incrível Hulk Hudson arrebrandando as traves E diante da aids lá estive no batalhão de frente Quando seu corpo excedeu a culpa sua pata pesou no ombro do mundo porque um leão lá dentro queria saber o que tinha pro almoço E caralho ele devia estar muito faminto Meu irmão rugiu três vezes quando riu da fumaça no carro Sabia da vastidão das savanas Aqui em cima do lado de fora aqui no meio da rua a céu aberto eu transito pelos encanamentos faço ginástica compro a revista da semana como e digiro grito com os alunos do time solto o vozeirão quero ginga e quero drible

Agora passa anuncicleta passa também a bêbada aqui na rua e começa a dançar com a música dos alto-falantes Eu já decorei 50 000 50 000 50 000 é a minha vereadora As anuncicletas fatalmente se cruzam leite em pó 5 reais flutuando na música do Ayrton Senna e 50 005 num pandeiro esfrego as mãos no rosto porque agora é que não vai dar pra cochilar mesmo Agora eu já não aguento mais e eu pego uns ovos na cozinha e vou atirando um a um na anuncicleta na bêbada mando todo mundo se ferrar

Saiam da minha rua caralho Mamãe bate na porta e me diz que Odete ligou e que tá quase tudo resolvido e me dá o número do ossário em Santo Amaro Eu falei que bom porque também não tinha muito o que falar e joguei a bandeja de ovos vazia no lixo acho que ela nem percebeu o que eu tava fazendo É claro que não cochilei e fui pro trabalho mais cedo com uma sensação esquisita fiquei com medo de a bêbada e o cicleteiro estarem atrás de mim Fiquei feito personagem do desenho animado já viu O sujeito brigando com a própria sombra e ela teimando teimando em persegui-lo

A VIDA É CHEIA DESSAS COISAS

*Para as meias de seda
de Kate Chopin*

Lourdinha Labanca viu-se a inesperada possuidora de novecentos reais. Recebera um pedido fortuito de um hotel cuja recepcionista, amiga de uma amiga, indicara seu nome. Absorta na cor vinho daquele palácio, no tom suave das conversas do lobby, nos passos firmes a negócios, e nas gravatas borboleta dos despachantes, ela tamborilava os dedos no balcão de mármore à espera de seu pagamento. Olhou para cima: o céu parecia mais azul através da abóbada de vidro.

Com olhos ávidos e mãos de rapina, ela recebeu num envelope timbrado a remuneração pelas seis caixas de aromatizantes de ambientes e contou as notas umedecendo a ponta do dedo na língua. Seus produtos jamais haviam rendido fortuna similar.

Ao atravessar a porta giratória, o bafo quente se chocou contra seu corpo climatizado. De cabeça erguida, ela caminhou até o velho Passat estacionado, onde sentou no banco do passageiro. Antes de Marcílio dar partida, ela lhe mostrou triunfante o conteúdo do envelope aberto.

— Só entreguei a encomenda depois que me pagaram.

O genro sorriu e deu marcha ré. Fora convencido na marra pela esposa de que a entrega seria simples e indolor, e aceitara transportar as caixas para o Hotel Recife Park. Ao menos dessa vez não fora obrigado a fazer cobranças, pois a sogra já entendera que ele não pagava de machão.

Há mais de uma década, Lourdinha Labanca buscava remendos para conter uma sangria financeira renitente. Já vendera brigadeiros sortidos, delícias de abacaxi, pavês de chocolate, roupinhas de crochê, brownies refinados e colares coloridos. Também já aventara ser representante de cosméticos Ivon, tarefa da qual logo desistiu.

— Sabe o Inferno de Dante? Foi baseado na Ivon! — Ela reclamou jogando as revistinhas no lixo.

Há três anos ingressara no ramo dos aromatizantes, que não lhe despertavam fome ou exigiam produção diária. Uma vez por semana, ela fazia um tour nas lojas conhecidas ou desconhecidas da Várzea para fazer entregas, receber pagamentos ou encher os ouvidos e narizes das vendedoras com perfumadas conversas moles, distribuindo cartões de visitas com letras espiraladas.

— Será que o pessoal do hotel vai pedir de novo, hein? Ia ser tão bom... — Ela comentou jogando a cabeça para trás no assento.

— Pelo menos tu coloca o IPTU em dia. Já é alguma coisa pra quem deve...

— É, vai ser bom pro IPTU. Bem lembrado.

Lourdinha recebia uma pequena aposentadoria pelo trabalho de uma vida inteira como auxiliar administrativa

na fábrica de colorau do seu pai. A falência da empresa, que fora assunto até no jornal, criou um racha na família e o escândalo deixou-lhe apenas um minúsculo apartamento na Várzea. Como os filhos homens eram os responsáveis pela direção do negócio, ela e as duas irmãs assistiram à derrocada da Fábrica Labanca da mesma forma como a haviam visto prosperar. Por sorte, ela conseguira se aposentar pouco antes de a empresa falir, mas sabia que boa parte de seu salário vinha do caixa dois, o que lhe garantiu do INSS pouco mais que um salário mínimo.

— A vida é que nem montanha-russa — Lourdinha refletia. — A gente nasce de um jeito e morre de outro totalmente diferente.

E repetia.

— Totalmente diferente.

Mas ainda acreditava num novo ápice.

— Imagina se o hotel me indica pra outro, que indica pra outro, que indica pra outro... — Ela divagou fechando laboriosamente o zíper emperrado da carteira onde acabava de enfurnar a quantia do envelope.

— Vamos com calma, né, Dona Lourdinha? — Interrompeu Marcílio, como se falasse consigo mesmo, empreendedor de seus próprios fracassos.

— Mas isso pode acontecer! A vida está cheia dessas coisas...

Assim que Marcílio embicou o carro para entrar na Caxangá, Lourdinha Labanca iniciou o batido solilóquio sobre seu bairro de juventude.

— Tá vendo isso aqui? — Com os dedos indicadores bem espaçados entre si, ela apontou para o Caxangá Golf Club e o Motel Stillus. — Tudo isso aqui era da nossa família. A mãe de minha bisavó, ou seja, minha tataravó, era baronesa de Sapopembas. Quer dizer, sua filha é descendente de barões, tem o sangue azul, azul, azul, olha aqui as minhas veias. — Lourdinha soltou um riso forçado mostrando um dos braços. Sem olhar para o lado, Marcílio fez que sim e ergueu as sobrancelhas.

Com a mão na alça de segurança, Lourdinha entrecortou seus comentários cantarolando trechos de uma velha marchinha.

*Chiquita Bacana lá da Martinica se veste
com uma casca de banana nanica...*

— Aqui era a casa de Marta Ferroso, mulher de João Marques Ferroso, conhece?

— Não, não conheço.

— Tão bonita, tão bonita. A casa era conhecida porque era cheia de azulejos amarelos, vindos de Portugal. Agora já derrubaram tudo, podiam ter preservado pelo menos os azulejos.

*Não usa vestido, não usa calção.
Inverno pra ela é pleno verão...*

— Tá vendo essa loja de colchões? Era a casa de Maria Leite. Papai adorava Maria Leite, achava-a divertidíssima. Mamãe ficava ressabiada, de olho aberto, ciumenta. Em

pensar como isso aqui ficou no tempo da cheia... Se bem que quase todo mundo já tinha se mudado pra Boa Viagem. A filha de Maria Leite, se não me engano, casou com Eusébio Andrade Souza e foi morar na Navegantes.

*Existencialista, com toda razão,
só faz o que manda o seu coração.*

— Meu filho, vamos dar uma paradinha aqui na Nana Neném para ver se eu vendi alguma coisa?

Marcílio olhou-a de esquelha.

— É rapidinho, meu filho. Só para eu ver.

Lourdinha enfiou a carteira na bolsa puída como se guardasse uma medalha olímpica e saiu do carro batendo a porta com força. Enquanto ele se abanava com uma revista e desabotoava a camisa suada dentro do baqueado Passat marrom, a sogra voltou anunciando a venda de três saquinhos aromáticos.

— Uma merreca, não dá pra nada — ela resmungou batendo a porta com mais força ainda. — Mas se eu não fosse lá, aquela muquirana nunca ia me pagar. Você nem imagina o que ela fez comigo outro dia...

O falatório persistiu por mais 300 metros.

— Olha o McDonald's! Bora dar uma passadinha? Eu pago o seu!

Marcílio protestou, mas Lourdinha insistiu.

— Vamos, é rapidinho. Nessa confusão eu nem preparei nada pro almoço. E o que é que tu tem tanto pra fazer, que hoje é sábado?

Na fila do caixa, Lourdinha tira furtivamente uma nota de cinquenta reais da enorme carteira. Ao guardá-la de volta, dá uns tapinhas na bolsa, que fora encontrada três dias antes em seu baú de quinquilharias; apesar de velha, a bolsa de couro, acessório de muitos anos atrás, estava carregada de lembranças faustas.

Para Marcílio, um Big Mac e, para ela, uma McLanche Feliz. Após longa espera na fila, Lourdinha caminhou rapidamente para a mesa que Marcílio arrebatara no pulo, e na qual a esperava com a mão sob o queixo.

— E Maria Carolina, como está? — Ela perguntou tirando o invólucro do canudinho.

— Tá daquele jeito. Não quer estudar e passa o dia jogando videogame e colecionando qualquer coisa das Chiquititas. Tem uma mulher da novela, uma atriz, que ela tem várias fotos, Cristine Herrera — Lourdinha deu um gole robusto em sua Coca-Cola enquanto Marcílio desembulhava o sanduíche.

— Não conheço.

— Pois é. Outro dia Carla leu o diário dela porque Carol tava meio cabisbaixa. Descobriu que ela tava triste porque Cristine talvez vá para a Europa e siga carreira por lá depois da novela. Parece que Carol fez uma prova de matemática em homenagem a ela, não entendi direito. Tipo como se a energia da tal Cristine fosse algum tipo de guia. Sei lá! Só sei que ela tirou 3. Como é que uma menina pode se preocupar tanto com uma pessoa que nem sabe que ela existe!?

— Ela te contou isso?

— Não, Dona Lourdinha. Tava no diário.

— Mas isso não é certo! — Marcílio entortou a boca cheia. Lourdinha que não se fizesse de sonsa.

— Mas a gente precisa saber o que tá acontecendo!

— Entendi... E você, como anda o novo disco?

Marcílio deu nova mordida.

— Tá indo.

— Vai lançar quando?

— Não sei ainda.

Lourdinha limpou a boca com o guardanapo, pigarreou e, passando a língua nos dentes, vasculhou a caixinha do lanche em busca do brinde. Encontrou um pacotinho branco, o qual abriu avidamente.

— Oxente? Um biscoito chinês de plástico? E desde quando o Mc dá biscoito chinês? É danado, eu já prometi a princesinha pra filha de Jessy do Amaral. Puta merda. Não era o que tinha semana passada?

Lourdinha levantou-se para ir ao balcão.

— Dona Lourdinha, a senhora não pode reclamar do brinde. Uma empresa da China comprou o McDonald's, olha lá! O brinde é meio que um aviso — Marcílio apontou para um cartaz na parede.

— Não, eu vou lá reclamar! Se eu quisesse biscoito chinês eu teria ido ao restaurante chinês!

Lourdinha furou fila para se meter em mais um falatório solitário, pois o balconista limitava-se a piscar os olhos ensimesmados.

— Pois é, senhora, mas esse é o nosso brinde do mês — o rapaz lacônico finalizou a conversa.

— Pois você mande dizer lá pro seu superior, seu gerente, quem for, que isso é patético, é ridículo. Isso é uma lanchonete americana. Eu só vim aqui comer esse sanduíche pra ganhar o brinde e olha a porcaria que vocês me dão! Não tem nenhuma princesinha guardada aí na despensa?

O funcionário pisca mais uma vez e faz que não.

— Mas é danado!

Lourdinha volta para sua mesa e continua a reclamar.

— Dona Lourdinha, por favor, termine seu lanche que já deve tá frio! — Suplicou Marcílio. — Não adianta a senhora ficar discutindo com o pobre do balconista!

— Mas pra que um biscoito chinês, e de plástico? — Lourdinha examinava o brinde em cuja abertura havia uma tirinha de papel. — Isso aqui não serve de nada! Se eu fosse criança, eu ia odiar isso aqui — os dois olharam em volta e viram várias mães lendo a sorte do biscoito para os filhos ansiosos. Tratava-se de uma promoção: leia a sua sorte ou ganhe um prêmio. — E qual o prêmio?

— Uma viagem pra Disney em Xangai — Marcílio apontou para o cartaz.

Por gloriosos 6 minutos, ela ocupa a boca com o refrigerante, a batata frita e o hambúrguer enquanto Marcílio aproveita para olhar a janela e esbaldar-se na balbúrdia de vozes desconstruídas da lanchonete.

Mesmo contrariada, mastigando a última mordida do hambúrguer, Lourdinha põe os óculos de leitura, pega o

biscoito e tira o papel. Ao bater os olhos no filete pálido, franze o cenho virando e revirando a tirinha: estava em branco.

— Mas olhe que porcaria! Eu vou lá trocar!

— Dona Lourdinha, olhe o tamanho dessa fila! É só um biscoito de brinquedo! Eu não vou esperar!

Para a sogra, não haveria pior surpresa.

— Será que é sinal de prêmio? — Ela perguntou entre-cerrando os olhos para o cartaz.

— Não. O prêmio diz: Parabéns, você vai para a Disney Xangai com tudo pago! Tá ali no canto do cartaz, tá vendo?

— Marcílio apontou.

Ela engoliu o resto do guaraná e levantou-se esfregando as palmas na camisa, atirando um punhado de farelos no chão.

De volta à rua, passam por um parque depredado.

— Que decadência! — Ela comentou. — Esse parque era tão lindo... A babá vinha aqui trazer Carlinha e Patrícia. Janeide Lima sempre trazia as filhas dela e quando nos encontrávamos, ficávamos papeando. Semana passada eu vi Janeide Lima no shopping, mas não fui falar porque ela estava muito metida a besta. Sisuda, com cara fechada. Capaz de fingir que não me conhece. Ela com certeza não se lembra, porque deve ter memória curta, mas quando Renatinha nasceu fui eu quem emprestou Eunice para ficar um mês cuidando da filha dela. Já passou o viaduto?

No farol, Lourdinha começa a fechar o vidro do carro, mas se interrompe ao escutar um homem vendendo algum produto dentro do ônibus.

— É refrescante, suave. 5 sabores diferentes. Ele vem em 20 unidades. Na banca de revista você compra em 15. Tá muito barato, minha gente. Só dois reais!

E terminou por fechar o vidro todo.

O que será que Janeide pensava dela? Você viu o que aconteceu com Lourdinha Labanca? Ela tirou um leque de dentro da bolsa para se abanar. Que bom seria se o clima fosse uma mistura entre Recife e Chicago, onde ela passara uma temporada a trabalho.

— Eu sou a irmã que mora em Chicago! — Ela dizia em festas de família, ainda que já tivesse retornado e não pretendesse voltar. Não suportara o frio por mais de três meses, trancada em casa com dois pré-adolescentes.

— Você acredita que aquelas crianças viam um programa que tinha um cocô natalino? Era sangue até umas horas. Outra vez foi a história de uma mulher que morreu presa no vaso sanitário. Eles morriam de rir pensando que eu não estava entendendo nada, mas eu tava. Eu tava entendendo tudo. Só tinha palavrão, e eu tava entendendo tudo. Eles pensam que brasileiro é tudo idiota. A menina, a Kely, só queria me enrolar, já o menino era tranquilo, o Daniel. Mas essas crianças nem olhavam pra mim direito, sacudiam as coisas no meio da sala e iam-se embora pro quarto. E eu pensava, meu Deus, estudei em colégio bom, tive a melhor criação pra terminar aqui? Os pais, aqueles cretinos, nunca que me chamaram para comer à mesa com eles, nunca me fizeram uma pergunta sobre o Brasil. E eu ainda trouxe um bolo de rolo praqueles anormais, ainda quis mostrar foto da

minha família: Labanca Family, eu dizia. Eles nem aí. Fim de semana que eu ficava limpando a casa, fazia aquelas comidas lá que a tal da Mary me ensinava, porque eu só podia fazer as comidas que ela me ensinava. Aí eu batia a colher na panela, chamando os meninos pro almoço. Batia às vezes com força e eles demoravam a aparecer.

Das fotos de Chicago havia muitas, mas poucas eram protagonizadas por Lourdinha, que quase sempre estava só. A imagem de que ela mais gostava era de seu reflexo distorcido em uma enorme bolha disforme e espelhada.

— Um negócio muito engraçado.

Guardava a foto num porta-retratos em sua sala colonial.

O carro passa na frente do supermercado e quando Marcílio liga a seta para dobrar à esquerda, Lourdinha toca seu ombro.

— Meu filho, dá pra gente dar uma paradinha aqui no Master? Eu só vou pegar um negocinho. Aproveitar que tô de carro. É rapidinho.

Marcílio bufou.

— Mas Dona Lourdinha, a gente já passou um tempão e eu...

— É rapidinho. Não é todo dia que eu tenho motorista e dinheiro na mão — ela riu. O genro deu sinal para entrar no supermercado. — Só pra comprar uns saquinhos de lixo.

Quando Lourdinha caminhou em direção à entrada, interrompeu-se e voltou ao carro de Marcílio, que já havia baixado o banco para aguardá-la no estacionamento subterrâneo.

— Marcílio, vamos fazer o seguinte, eu me lembrei que ainda tenho umas coisinhas para comprar e já vi que você está apressado. Então, nós nos separamos aqui e, quando eu terminar, ligue o telefone. Está bem?

Despediu-se do genro, que aceitou a proposta cantando pneu para ir embora. Ao ver o Passat a distância, Lourdinha deu um longo suspiro, e subiu a esteira rolante até algumas lojinhas que ficavam perto da praça de alimentação. Arrastando seu longo vestido *hippie* pelo chão gelado, ela logo foi atraída pelo rugido de um secador de cabelo. Seus olhos percorreram as letras na vitrine do salão de beleza: promoção. Há quantos séculos não se dava ao luxo de fazer as unhas? Inebriada pelo ar perfumado do xampu a vapor, ela apertou o braço contra a bolsa pendurada no ombro e adentrou o estabelecimento.

— Tem alguma manicure disponível?

Lourdinha sentou-se, estendeu as mãos carcomidas para Kátia e debulhou-se na poltrona macia com a breve massagem que recebeu. O hidratante nas palmas brandas da manicure lhe deu o arrepio de um carinho antigo, e a serrinha aplainou suas unhas grossas, deixando-as redondas, perfeitamente lisas. As lâminas afiadas do alicate a arrancaram cada minúscula cutícula expiavam-lhe a alma e o esmalte vermelho lambeu-lhe as meias-luas, reacendendo seus olhos perdidos. A sempre falante Lourdinha permanecia em silêncio. Dentro da bacia no chão, os dedinhos se agitavam na água morna, esperando a vez. Quando a encurvada Kátia deu um tapinha em sua perna,

Lourdinha pôs o pé esquerdo sobre os joelhos dela, e voltou a fechar os olhos enquanto a lâmina beijava seus calos e peles mortas.

— A senhora precisa ir no podólogo — aconselhou a manicure, que apertava os lábios tentando descortinar as inúmeras camadas encarquilhadas. — Com todo o respeito, isso aqui tá que nem casco de cavalo!

Ao fim, Lourdinha calçou as alpercatas entre os detritos de seus pés e, quando ia levantar até o caixa, viu o lavatório negro brilhando solitário.

Que mal faria uma hidratação?

Deixou IPTU, Coumadin e cheque especial dormitarem no poço fundo de seus afazeres e encostou o pescoço na pedra fria do lavatório. A água doce, o odor florado do xampu e os dedos férteis de Kátia infiltraram seus cabelos. Encaminhada novamente à poltrona, Lourdinha sentou-se na nuvem com a cabeça cheia de creme, fechou os olhos e só despertou quando Kátia lhe avisou que estava na hora do enxague. De cabelos molhados e penteados, ela cruzou com sua própria imagem no grande espelho retangular e pediu uma mãozinha de secador.

— Só pra ver como ficou.

Mas acabou solicitando uma escova completa e assistiu à dança dos fios esvoaçantes entre os puxões de Kátia. Após o giro pausado na cadeira, que lhe deu mapeamento completo de seu visual, Lourdinha acariciou os cabelos sedosos, sorriu para a própria imagem e foi até o rapaz encharcado de gel que estava atrás do caixa. Ofereceu com

falsa distração a nota da garoupa azul, que foi prontamente arrancada de seu poder com um leve puxão de dedos e enclausurada na gaveta como um filho desgarrado. Tirando os olhos da chave que ainda balançava no balcão, ela agradeceu a todos os funcionários com a intimidade de cliente assídua e caminhou para o supermercado respingando ouro. No caminho, uma passadinha no stand de perfumes. Lourdinha aproximou a ponta do nariz a vários filetes de papel borrifados com amostras grátis e apreciou o aroma cítrico com cheiro de aurora, apesar de nacional. Adquiriu um vidrinho de 50 ml, foi ao banheiro e, dentro da cabine, atravessou véus com gotículas de laranja-da-pérsia.

De volta ao supermercado, ela finalmente pega um carrinho, e desfilando por aquele imenso depósito, passa pela padaria e cata um saco de pães frescos ainda quentinhos. À direita, um bolinho, madalenas atraíram seu faro requintado. Virando à esquerda, ela corre os dedos reluzentes pelos alvejantes, escutando com um leve balançar de cabeça o pa-da-ba-dá suave que ecoa nos altofalantes. Lourdinha não olha preços, não pega a surrada caderneta na qual costuma contabilizar cada produto para caber certinho na quantia que trouxera. Quantas vezes não ficara parada num canto a fazer contas ou pedira à moça do caixa para chamar a gerente a fim de eliminar algum item? Numa prateleira, o desenho infinitamente repetido de um homem queixudo fazendo joinha com o polegar: parecia o antigo jardineiro de sua casa. Lourdinha catou três desinfetantes e os enfiou no carrinho. Queria uma

nova palmilha? Um sabonete glicerinado? Calêndula? Ela caminha apertando o braço contra a bolsa. Vez por outra, mira as próprias unhas ou atravessa a mão na cabeleira de cetim, admirando-se em qualquer superfície que emitisse o mínimo reflexo.

Na seção de frutas e verduras, Lourdinha enfiou nos saquinhos plásticos pinhas e atemoias, os quilos mais caros. Deslizou para a seção de importados e rememorou o jeito das amoras e mirtilos daquela cidade gélida, de onde ela caiu fora pela humilhação dos serviços prestados, a solidão do quartinho no sótão e o dia a dia com aquelas crianças que a tratavam como coisa nenhuma, sacudindo os tênis pela sala. Aqueles iogurtes de merda que abundavam a geladeira e dos quais ela só tinha direito a um por dia. O copo de plástico que lhe reservavam, o queijo mais barato que lhe compravam, como se o seu paladar desconhecesse a qualidade de um roquefort! Paulinho de Gusmão quis visitá-la em Chicago, mas ninguém precisava ficar sabendo de suas atividades naquela temporada fria. Da viagem, restaram somente fotografias de paisagens e de seu rosto entortado. Além de muitas dívidas.

Lourdinha alisou a careca de uma melancia gorda, fruta que há tempos ela não tinha condições de levar para casa, pois pesava muito no carrinho que ela arrastava a pé no trajeto de volta. Quando comprava fatias, sempre chegavam amassadas à mesa da cozinha. A fim de coroar seu deleite, Lourdinha então colocou a melancia inteira no carrinho, guardando-a no canto como uma boneca. Mais à

frente, parou diante das garrafas de suco coloridas e soltou um bafejo sôfrego. Bom era o suco que ela tomava na praia com Valter, o namorado jogador de vôlei. Ela acompanhava suas partidas sentada na areia enquanto comia um sanduíche de camarão sintético e conversava bobagens com o resto da turma. Achavam-na tão chique, tão elegante com seu panamá; certamente ficaram boquiabertos quando Valter a trocou por uma amiga da faculdade. Foi o único homem por quem Lourdinha chorou.

Ao alisar a pele sedosa dos tomates e sentir o corpo lânguido e cheiroso do pé de coentro, Lourdinha caiu nos braços fortes do ex-marido, que a carregou vestida de noiva para a cama no dia do casamento. Um bêbado irritante, como ela ia imaginar? Que alguns anos depois cataria os dois filhos pequenos e voltaria para a casa dos pais.

Era só isso que eu queria da vida, uma cerveja, uma ilusão atrevida... Lourdinha cantarolou a voz fosca de Emílio Santiago que ecoava entre os avisos promocionais. Seu carrinho estava abarrotado; ela faria carne de sol, feijão verde e farofa de jerimum no fim de semana. Chamaria toda as irmãs, além de Patrícia, Carla, Marcílio e Maria Carolina. *Que me dissesse uma verdade chinesa, com uma intenção de um beijo doce na boca...* Na seção de destilados, uísque, seu favorito. Apalpou a garrafa cujo rótulo dizia: Joãozinho Andante. Ela já sabia a tradução, e gostava de espalhar a descoberta.

— Você sabia que o nome dele em português significa Joãozinho Andante?

Parou um rapaz (ou uma moça, o que seria?) que patinava pelo corredor para perguntar.

— Vocês não têm aquele uísque do cavalo?

Lourdinha adorava cavalos. Tivera uma égua, Madalena, na Fazenda Estrelina, de seu avô. Várias vezes buscara na memória uma forma de achar o caminho para reencontrar a propriedade, mas já fazia tanto tempo. Talvez a casa, a cocheira, já nem existissem mais.

Tanta coisa a gente faz, seguindo o caminho que o mundo traçou, seguindo a cartilha que alguém ensinou, seguindo a receita de uma vida normal. Mas o que é vida, afinal?

Uma parada na seção de massas. Macarrão Ittallianni. Lourdinha encostou o produto contra o peito cheio de calor, e então acrescentou às compras vidrinhos de azeitona sem caroço e de molho pronto, os quais geralmente evitava comprar porque tilintavam no carrinho furado que ela puxava pelas calçadas esburacadas da Várzea, e alguns às vezes escapuliam, espatifando-se no chão. Um salaminho na seção de frios, duro, concentrado, a fez salivar. Vários e vários potes de iogurte, um pote de sorvete, uma caixa de chocolates belgas. Como a que Laerte, seu ex-namorado de Pelotas, enviara para o Recife. Os dois conversavam ao telefone diariamente e juntos cantavam o hino do Esporte Clube Pelotas, que ela aprendeu rapidamente. No entanto, quando Laerte apareceu no Aeroporto dos Guararapes, vestido com a camisa do time, Lourdinha viu nele um sapo

e terminou a relação antes mesmo que ele desfizesse as malas. O pelotense foi acolhido pelas irmãs de Lourdinha, que o levavam para sair com os maridos enquanto ele chorava nas mesas dos restaurantes.

Será que é fazer o que o mestre mandou?

É comer o pão que o diabo amassou?

Levando da vida o que tem de melhor.

Ela também quis levar um vinho — talvez comprasse queijos, fizesse um fondue. Mas, ao pegar a caixa, deparou-se com seus dedos enrugados, cheios de anéis envelhecidos. Um fondue não combinaria com sua mesa, com o calor alarmante do apartamento. Em vez disso, Lourdinha enfiou no carrinho meio quilo de mussarela e direcionou a montanha de itens ao caixa. À sua frente, encontrou um senhor barrigudo com uma longa papada. Parecia-se com Penalber, seu último namorado, que tinha duas pontes de safena e dois dentes a menos. Virou-se para trás quando ele lhe sorriu: Penalber era insuportável e ainda por cima a chamara pelo nome da ex-esposa.

Senta, se acomoda, à vontade, tá em casa, toma

um copo, dá um tempo que a tristeza vai passar.

Lourdinha olhou para o carrinho abarrotado: pularia ali dentro como o Tio Patinhas. Mas a natação de seus pensamentos foi bruscamente interrompida pelos duros julgamentos de Carla e Patrícia.

— Alô, Marcílio?

Avisou ao genro de que não precisava mais apanhá-la; ela tomaria um táxi, pois não queria causar mais incômodo. Assim que devolveu o telefone à bolsa bolorenta, Lourdinha estalou os dedos e bateu o pé no chão: havia esquecido de comprar papel higiênico. Pediu gentilmente ao papudo ignorado para ficar de olho em suas compras: ela voltaria num instantinho só. Ao encontrar o que queria, Lourdinha futucou entre as mercadorias em busca de rolos com folhas triplas, os quais ela nunca se dera ao luxo de comprar. Olhou para um canto mais distante da prateleira — havia um solitário saco de rolos com a foto de uma menina loira e sorridente abraçada a um bicho de pelúcia.

Quando o ergueu, deparou-se com umas coisinhas se mexendo embaixo da mercadoria: minúsculos filhotes se arrastando de olhos fechados.

Lourdinha gritou, largando o saco no chão, e correu para lavar as mãos. Na saída do banheiro, abordou o patinador mais próximo.

— Eu vou processar vocês! Vou processar! Tem um ninho de rato no meio dos papéis higiênicos! E se um rato desses tivesse me mordido? Isso é um absurdo, esse supermercado é uma merda! Cadê o gerente?

Ela reclamava com o dedo em riste.

— Pois pode ter certeza de que Lourdinha Labanca nunca mais coloca os pés nesta porcaria. Meu avô era juiz, meu pai era dono de umas empresas mais importantes deste país. Eu vou botar a boca no trombone, vocês não perdem por esperar.

Pessoas amontoavam-se para ver a confusão enquanto outro funcionário pegava os ratinhos com um saco plástico.

— Desculpe o transtorno, senhora — disse a gerente. — Estamos passando por um momento de renovação e...

Lourdinha achincalhou a mulher num tom de voz que julgava civilizado. Mas, ao perceber que daquela situação nada ganharia além de olhos enxeridos, voltou para a fila. Seu carrinho estava encostado entre os caixas 9 e 10; o papudo fora embora sem deixar nenhum bilhete. Admirando as piruetas de suas unhas vermelhas enquanto gesticulava, Lourdinha espalhou para os clientes ao redor o que acabara de presenciar.

— A gente não tem mais dignidade nem pra fazer compras neste país! — Bradava.

Com o olhar à deriva, ela observou cada item enrratado passar pela caixa registradora e a multiplicação do quanto teria de pagar. Como um bicho tão asqueroso podia ter um aspecto tão adorável na tenra infância? Enquanto procurava a carteira recheada para pegar sua fortuna, Lourdinha sentiu entre os dedos um papel dobrado.

Fonte dos carvalho, 20 de março.

Dona Lurdinha eu mando pedir uma ajuda pelo amor de Deus que eu não tenho condisão. Mim dero uma casa para eu morar mais a casa estar

muito estragada é eu não tenho condisão de endireitar eu não estou trabalhado é eu não rezauvir nada inda do devogado por isso eu li peso uma ajuda eu é os menino estar doente só Deus tem compaixão de mim eu fique muito contente quando eu resebir a casa a pezada estar estragada mais eu confiei em Deus de ele mim ajudar eu estou li pedindo pelo amor que a senhora tem as suas filha mim ajude aqui termino lembrança para todos da casa.

Mande resposta

Eunice

Ela então ergueu os olhos e encarou as várias câmeras de segurança. Dobrou o papel e o jogou de volta na bolsa.

A caixa repetiu:

— Senhora?

A conta era de 700 reais.

Distraída, Lourdinha ofereceu à moça todo o dinheiro que tinha. A carta era de trinta anos atrás, e ela ainda não entendia aquele português. Assim como o resto de sua família não o entendia, apesar até da boa vontade cínica das novas gerações.

Enquanto o empacotador depositava as mercadorias no carrinho de compras, ela olhou sem animação para

aqueles sacos cheios de tudo o que mais gostava. Do lado de fora, sentou-se num banco próximo a uma barraca de milk-shake. Seus olhos emburrados observaram as sacolinhas vibrarem ao vento; seu cabelo de festa, as mãos e pés hidratados e bem pintados eram a irônica risada de Deus. Por que Janeide Lima a evitou no shopping? Ela não estava louca, Janeide, sim, a ignorou! Lourdinha tinha agora na carteira cinquenta reais. Um táxi surgiu na parada e ela acenou. O motorista desceu do veículo e a ajudou a colocar as compras no porta-malas. Tão pronto Lourdinha bateu a porta, solicitou que ele aumentasse a potência do ar-condicionado.

— No máximo, por favor.

E continuou a falar.

— Você acredita que a gerente também tinha sobrenome Labanca? Eu disse a ela: pois saiba que muito me envergonha que sua família seja a mesma que a minha. Pois meu avô, juiz Aprígio Labanca, era um homem honrado, íntegro. Não tem nada a ver com a sujeirada desse supermercado podre. E ela ainda veio me dizer que não conhecia os coloraus Labanca, acredita?

O motorista olhou-a pelo retrovisor.

— Olhe, eu acho que também não conheço, não. Só se me esqueci. Era uma marca famosa, famosa mesmo?

Uma funcionária observadora acabava de acender um cigarro na entrada do MasterCompras quando vira uma senhora, absorta em pensamentos, alheia aos milk-shakes

que batiam no liquidificador, levantar-se e erguer a mão para o carro branco. Era uma senhora alta, de cabelos castanhos e sobrancelhas grossas; várias pulseiras tilintavam em seus braços e uma pedra azul leitosa balançava no longo colar em seu pescoço. Sem levantar os olhos para o motorista baixinho e ranzinza que a ajudava a encher a mala, ela monologava sobre um rato que encontrara num saco de papéis higiênicos. A senhora então embarcou no carro, que avançou em direção à cancela, mas o olhar atento da funcionária continuou a acompanhá-los. E o que logo se desenrolou atrás das grades do enorme supermercado fez a espectadora arregalar os olhos e tossir com a fumaça engasgada. O táxi se chocara contra o que parecia a charrete de um catador de papelão. A funcionária correu para ver de perto o bate-boca entre a senhora e o motorista, que tirava as mercadorias do porta-malas e as largava meio da rua.

— Quem mandou a senhora bater minha porta com essa força toda? Idiota é você! Vá fazer isso lá no asilo de velho onde a senhora mora!

O catador tentava tirar satisfação com o taxista, que por sua vez xingava Lourdinha, que falava ao celular com a mão sobre a boca atrás de uma árvore. Duas bandas de melancia espatifada rolavam abertas na rua. Largando o cigarro na grama, a funcionária agarrou as grades e inclinou a cabeça de lado. Não sabia bem por quê, mas desde o princípio tivera a impressão de que aquele táxi não iria muito longe.

MARIA CAROLINA MORAIS

é escritora, tradutora, jornalista,
uma das mediadoras do grupo
Leia Mulheres – Recife e eterna
aspirante a jogadora de basquete.

Governo do Estado de São Paulo
e Secretaria da Cultura apresentam

Quatro contos em quatro décadas

Maria Carolina Morais

LF-06/001

Composto em Graphik e LyonText e
impresso em Risograph sobre papel
Chambрил Avena+ 90 g/m², com
tiragem de 500 exemplares.

São Paulo, 2017.

PDF disponível para download
gratuito no site.

livros-fantasma.com



APOIO



« — Por que é que tu não voa, pinoia?

E os olhos dela respondiam, respondiam mesmo, ele podia ler. »

4

D

È

C

A

D

A

S

E

M

4

C

O

4 DÉCADAS EM 4 CONTOS

MARIA
CAROLINA
MORAIS

N

T

O

S